

Sem querer, vai querendo... p. 9

JORNAL DO BRASIL

Villas-Bôas Corrêa

O governador Orestes Quêrcia fica mesmo uma gracinha quando freqüenta a televisão para, empinando o nariz-Pitangy num gesto de petulância que se atenua no jeito sempre caipira da fala e do cabelo untado para garantir a firmeza do risco do repartido e o ondeado do topete, afirmar, com a cara mais deslambida, que não é candidato já à Presidência da República e que, muito pelo contrário, sonha com ela depois de cumprir o mandato paulista. Então sim, como homem público, estará disponível para continuar prestando serviços ao país.

06 JAN 1988



É dura de engolir a insinceridade que poreja de cada palavra, de cada sílaba, da entonação caricata, dos trejeitos estudados. Ora o Quêrcia é candidato, candidatíssimo e agora, em 88. Claro que em 89 seria bem mais conveniente. Mas o PMDB está sendo atropelado pela rua, apertado pela pressão popular e não tem como remar contra a maré. Pois, se a favor, está difícil.

Nenhum presidenciável com juízo e a dose indispensável de ambição adia a oportunidade da candidatura. E ainda mais o Quêrcia. Pois é para já que a sua candidatura está inflando, ganhando consistência, poucando no desespero de uma legenda que braceja nas águas da sobrevivência.

Mas, vá lá. O desempenho pode não ser grande coisa mas é inegável que o Quêrcia está seguindo e à risca as regras do jogo. A hora é mesmo de negar a evidência, encolher-se à espera da convocação de um PMDB que não tem muitas outras saídas e nenhuma com mais viabilidade eleitoral, como as pesquisas comprovam, ratificando o sabido. E depois, o PMDB dispõe de uma candidatura talhada a capricho para a serventia dos lançamentos prematuros e a queima posterior, depois de cumprido o fadário de prolongar a agonia da unidade de fingimento do partido. O dr Ulysses Guimarães é um candidato tão insustentável numa campanha quanto oportuno e conveniente para calafetar as brechas do PMDB, enquanto se aguarda pela futura Constituição, definindo o sistema de governo e fixando a data da eleição apesar da certeza de que não é possível esperar, que a paciência tem os seus limites.

Quêrcia dispõe hoje de uma candidatura tão promissora quanto são remotas, incertas e até improváveis as suas pretensões num futuro de desenho indefinido. A hora é esta e o Quêrcia sabe disso melhor do que ninguém.

Talvez não seja irreverente sugerir ao governador, que é chegado a uma moda de viola, cultiva as primas e bordões, pegar carona numa quadrinha do canceiro

gaúcho e que vem mesmo a calhar para os seus embarços e simulações. Ei-la, na letra das gravações do veterano Conjunto Farroupilha e da Inezita Barroso:

Tu quer querer mas não quer

Sem querer vai querendo...

Tu quer querer mas não quer

E o tempo é que vai correndo...

Se o tempo corre, Quêrcia não necessita exhibir urgência. Ele pode esperar, precisa esperar para que a sua candidatura seja uma imposição do PMDB, favorita na Convenção, costurada por um bom acerto paulista. Como ensina o prudente Aureliano Chaves, uma candidatura natural deve passar pelo teste de aguardar a sua oportunidade. Se não vingar, é porque não era uma candidatura natural.

Mas, se dá para entender e tolerar as negaças da tapeação, fica mais indigesta a encenação do encontro com o governador Moreira Franco para exame de nomes e a avaliação de candidaturas. Que candidaturas, senhor! O governador do Rio de Janeiro parece embevecido com as suas habilidades de articulador e os dons de vidência antecipadora do sinuoso curso da transição. E não será nada mau se sair como o principal líder na costura da provável solução para as emergências angustiosas do PMDB. Mas Quêrcia não precisa ultrapassar os limites do ridículo, aparecendo como um avaliador de nomes do PMDB, quando o olho comprido não se desprega do umbigo. Francamente, passou da conta.

Em todo o caso, a sofreguidão publicitária de candidatos e patrocinadores, antes que a Constituinte decida se vamos teimar no presidencialismo de quase um século de frustrações ou se ousamos a mudança, ao menos essa, do sistema de governo e embarcamos, a medo, numa experiência parlamentarista, vem comprovar que a Presidência da República, em qualquer caso, é uma tentação difícil de resistir.

Mestre Carlos Castello Branco, das alturas da sua cátedra, entre elogios da sua Coluna de ontem a uma análise das perspectivas eleitorais de uma sucessão disputada em dois turnos, discordou da possibilidade de uma imediata bipolarização ideológica, se for adotado o parlamentarismo.

Com todo o respeito devido e merecido, não parece indiscutível a ressalva. É uma questão de dosagem. Claro que o presidencialismo da tradição republicana de 98 anos de turbulência não se compara com a controlada modéstia da presidência parlamentarista. Uma é ditadura com poucos disfarces, o poder absoluto, monárquico, soberano. Outra, a presidência quase sem poder, com as honrarias e os deveres do equilíbrio. Mas, na transição, com a boca entortada pelo uso imoderado do cachimbo, mesmo um presidente parlamentarista eleito este ano, pelo voto direto, conservaria, de fato, uma forte liderança política remanescente. Não se muda de uma hora para outra, sem conservar um pouco da mímica, dos cacoetes petrificados pelos maus costumes...